

LEITURAS DE BOCAGE

*Chorosos versos meus desentoados,
[...] Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura:
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados.*

(Bocage, 2004, *Obra Completa*, ed. D. Pires, Porto Caixotím, I: 8)

Para Bocage, a Morte era um mal metafísico. É certo que, bem antes de Soares dos Passos, a dissolução de corpos tenros povoa os seus versos de Noivas do Sepulcro: Tirsálias, Marfidas, Olintas são metáforas de uma jacente Inês que espera Pedro, ainda que Pedro seja cada um de nós:

*Todos, todos hão-de ir, por lei suprema,
Inviolável, eterna,
Dormir nas trevas como Olinta dorme.*

(Bocage, *s.d.*, *Obras de...*, apres. T Braga, Porto, Lello; 633)

Mas há um lado epicurista em Bocage que aforisticamente lê a morte física e recomenda:

Lê o teu nada.

(Bocage, 2004, I, 398)

Talvez por isso, a Bocage inquieta ainda mais o Esquecimento, o Sono ou aparente Morte da alma. Se por Amor a uma mulher ele pode enganar a Morte, é por Amor a seus versos que lhes manda buscar a luz. Confia que, assim, sempre encontrarão leitores.

*O sábio não vai todo à sepultura
Nem morre inteiro o justo, o virtuoso.*

(Bocage, *s.d.* 656)

E muito menos morre o Poeta, aquele que com versos feiticeiros tenta ressuscitar a amada (Bocage, *s.d.* 677), aquele que com sons sabe esculpir a vida, ou derrubar as muralhas entre os homens. Bocage, o Poeta sucessor de Orfeu, Pigmaleão, Alceu, assegura-nos tanto a imortalidade de Camões como a imortalidade do Senhor Desembargador Inácio José de Morais e Brito:

*Que de agravos do Tempo estás seguro,
Meus versos te darão a eternidade.*

(Bocage, 2004: I, 315)

Os estudiosos da Literatura não têm nunca tais certezas. Sabem que a História é um templo de belas adormecidas que é preciso beijar com amorosa constância. O Esquecimento faz parte da História. E é preciso a regularidade da leitura, o ir e vir do dedo indicador sobre a página do livro, para acordar da letargia um verso, um autor. Mais empenhadamente até, quando o autor se enfaixou em lugares-comuns e se guardou em pomposo esquite. Poeta do Amor, exagerado e brigão, erótico e satírico, neoclássico ou pré-romântico, ainda quando o Pré-romantismo é a caixa para onde se remetem, em miscelânea, os românticos demasiado clássicos ou os clássicos demasiado românticos.

Se Bocage deve temer algo é que não o leiam. Pois aqueles que atentamente o fazem, quase sempre dão por garantido ficarem presos aos *fulgentes* episódios da sua biografia, à musicalidade *venéfica* dos seus versos, ou aos *apolíneos* neologismos, às *nectarizadas* traduções, ou aos *vipéreos* sarcasmos saídos da sua pena.

Por isso se impunham estas leituras. Reúnem-se aqui, suscitando o diálogo, reflexões de cuidadosos e regulares leitores da poesia setecentista, e da poesia de Bocage, em particular. Grande parte dos textos agora publicados teve a sua origem em duas sessões do *Colóquio Internacional Leituras de Bocage* (séculos XVIII-XXI), organizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por ocasião do bi-centenário da morte de Manuel Barbosa du Bocage (uma a 28 de Outubro, outra a 24 e 25 de Novembro de 2005). Abriu esse colóquio o Professor Doutor **Francisco Ribeiro da Silva**, em representação da Reitoria da Universidade do Porto. Lançou-nos três desafios: a leitura das poesias de Bocage, o entendimento das contradições da sua época, a aceitação da contradição como factor de progresso também para a nossa própria época. A insatisfação é o motor da pesquisa. Com efeito, quase todos os textos aqui apresentados resultaram de um ano de novas leituras, reformulações, substituições. Não são já os textos apresentados no referido Colóquio, por muito sujeitos que foram ao buril do tempo e das circunstâncias. E são agora editados com o patrocínio do Núcleo de Estudos Literários da Faculdade de Letras e Reitoria da Universidade do Porto, que em boa hora os julgaram dignos de vir a lume.

Bocage depressa se torna um desafio. Desde logo, numa perspectiva bio-bibliográfica. Para autores como **Adelto Gonçalves** (*A casa onde nasceu Bocage, e outras verdades que não pegam*), a investigação sobre a casa onde teria nascido Bocage, no Largo de Santa Maria, em Setúbal, é o ponto de partida para outros factos novos da História comum do Brasil e de Portugal que ainda não ganharam foro de verdade consumada. As provas apresentadas, já arroladas na sua biografia (*Bocage: o perfil perdido*, 2003), são também a história de um percurso por bibliotecas e arquivos, indispensável a qualquer estudo sobre o século XVIII.

Com efeito, na percepção que temos da vida de Bocage, frequentemente se confundem a Verdade e o Mito, e não raramente o Mito se sobrepõe à Verdade, ao dar forma a uma realidade simbólica que confunde a vida de cada um com a do poeta. Daí alguma regularidade das façanhas anedóticas de Bocage. E também o seu oposto trágico. Ao longo de duzentos anos, foram aparecendo várias biografias romanceadas ou romances históricos, que tiveram Bocage como protagonista. O género, aliás, infere de todas as características próprias de um relato que, por natureza, é subjectivo e encomiástico. **Fátima Marinho** (*Bocage Revisitado*) realça-o e, partindo do levantamento deste fenómeno, estuda a relação entre a perspectiva histórica e a literária na biografia literária: em obras como *A Verdadeira Paixão de Bocage*, *Amores de Bocage na Índia* e *Bocage*, da segunda e terceira décadas do século XX, mas também na mais recente biografia literária, o romance de José Jorge Letria, *Já Bocage não sou*, publicado em 2002. E é nesse aspecto que parece ainda mais interessante o diálogo que este texto intimamente estabelece com o de **José Jorge Letria** (*Bocage: verso e reverso*). Afirmando-se como voz de um escritor e não como voz crítica ou especialista, o autor incide na experiência da escrita. Pretende mesmo sublinhar a sua subjectividade, consubstanciando-se a novela num diálogo de vozes que falam de si, entre si e de Portugal. Mas José Jorge Letria quis também dar testemunho sobre o modo como a vida e a obra de Bocage o marcaram logo na adolescência, contribuindo para que ele próprio viesse a tornar-se poeta.

Separar com rigor as vozes, eis, pois, uma difícil missão. E todavia, imprescindível, do ponto de vista do crítico que quer dar a cada um o que é seu para fazer justiça ao Autor e ao Leitor. Bocage epicurista, Bocage libertino, Bocage liberal, Bocage pré-romântico, neoclássico ou barroco, Bocage/Elmano, Bocage e os elmanistas... Entre os rótulos que colamos a Bocage, quantos e quais são efectivamente de Bocage, quantos não são efectivamente mais nossos do que de Bocage?

O paralelismo com outros autores e outras épocas impõe-se para perceber Bocage e a sua época.

Jean-Charles Darmon (*Les épicurismes de l'Age classique: remarques sur les variations de la pensée du Jardin, entre philosophie, science et "littérature"*). Na história do epicurismo, o século XVII foi um momento capital: reinterpretada por Gassendi, a Filosofia tornara-se uma proposta alternativa à ordem estabelecida, opondo tradição e renovação, Aristóteles aos Modernos, pensamento racionalista a pensamento empirista. Através de alguns autores bem anteriores a Bocage (mas que Bocage por vezes bem conhecia, como é o caso de La Fontaine), procurar-se-á demonstrar como a Filosofia, vista pelos escritores como um “horizonte móvel”, pode propiciar metamorfoses e propostas literárias muito diversas. Nessa perspectiva, também **Miguel Benitez** (*Juan António de Olavarrieta au Portugal: le médecin José Joaquim de Clararossa*) encarará o Libertinismo através do percurso espacial e ideológico do franciscano Juan António de Olavarrieta, condenado a prisão perpétua pela Inquisição espanhola em 1803 e refugiado, viveu em Portugal até 1820, sob o nome de José Joaquim de Clararrosa. O texto de **Cristina Marinho** (*Triunfos da Religião e da Natureza: 'discordia concors'*) é a demonstração dessas ligações, e também da importância de procurar as formas que dissimulam essas mesmas ligações. A tradução dramática bocageana de *Euphémie* ou *Le Triomphe de la Religion*, de D'Arnaud, apesar da exaltação radical dos valores incondicionais da fé e do sacrifício, parece significar ironicamente a superioridade da libertação do Homem pela Natureza. Da mesma forma, a dimensão íntima e clandestina da poesia erótica e filosófica de Bocage se deve articular com uma mensagem arteira e velada, mas não menos sugestiva, integrando-o, afinal, no panorama libertino e liberal europeu.

Bocage liberal, sim... Mas de que Liberalismo falamos aqui? É Bocage liberal e anti-semita? Liberal e racista? Depois de analisar as várias definições dos conceitos utilizados, **Marie-Hélène Piwnik** (*Racismo e Anti-Semitismo em Bocage?*) sublinha o imperativo de contextualizar o *corpus* dos catorze sonetos que podem ser de temática racista. Tendo como contraponto uma fábula de Bocage, “Os cães domésticos e o cão montanhês”, que bem demonstraria o genuíno anti-racismo do autor, o confronto dos textos revela como os sonetos contra os goeses sublinham o afã de medrar dessas populações, observadas por um Bocage muito jovem e muito cioso das grandes conquistas portuguesas no Oriente. Os relativos a pretos e mulatos, de facto brasileiros, hão-de encarar-se dentro do jogo arcádico, que utiliza os preconceitos raciais para despertar o riso nos seus ataques estilísticos a outros árcades. Por seu lado, os sonetos anti-semitas permitem escarnecer os atributos dos relapsos e satirizar o frenesi do êxito social e do novo-riquismo.

Também as classificações dos autores do final do século XVIII parecem ser questionadas pela obra de Bocage. Neoclassicismo e Pré-Romantismo são épocas ou tipologias? E como entendê-las entre as querelas que se vão estabelecendo ao longo da vida de Bocage e depois da sua morte? **Maria Ivone de Ornellas de Andrade** (*Macedo e Bocage: um duelo de vaidades*) procura demonstrar como estes conceitos, entendidos tipologicamente, podem explicar muitas nuances das questiúnculas, avanços e recuos das relações entre dois académicos da Nova Arcádia: Bocage e José Agostinho de Macedo. Ao diálogo entre os autores não foi alheio o tipo de leitura feito por Macedo à obra de Bocage. Ambos vêm a partilhar a atmosfera poética da época, divididos, cada um a seu modo, entre o Neoclassicismo e o advento do Romantismo, ambos ciosos de um reconhecimento público que através do génio diverso acreditavam possuir.

Ainda quando se procura estudar o estilo do autor, reaparecem as oposições pertinentes, um espírito de emulação que leva Bocage a tentar superar o original, conciliando opostos, imitando com génio. **Florence Nys** (*Dorat traduit par Bocage. Sur les traces des Lettres Portugaises*), ao comparar pormenorizadamente as cartas I e XI das *Lettres d'une Chanoinesse de Lisbonne à Melcour, officier français*, do poeta francês Claude Joseph Dorat, com a tradução de Bocage, revela-nos um tradutor simultaneamente cuidadoso e sensível, mesmo considerando os actuais padrões da tradução literária. Das *Lettres Portugaises* às traduções de Bocage, passando pela imitação de Dorat, o leitor lida com obras epistolares que apresentam cada uma a sua especificidade. Com efeito, ao traduzir só duas cartas deste romance, e ao calar as fontes, Bocage ilustrou um género clássico em voga na segunda metade do século XVIII, a heróide, deixando adivinhar a visão que tinha do mundo e do amor. **Maria Luísa Malato Borralho** (*Os sons, 'pincéis febeus': para uma Retórica da Música e do Sublime*) trata da importância da Música na poesia de Bocage (o trabalho das variadas rimas, mots-valises, ritmos encantatórios). Mas também do diálogo entre o que Bocage queria que fosse a sua Poesia e aquilo que os seus leitores querem ver nela. Quase sem interlocutores contemporâneos, a obra musical de Bocage aproxima-se ora de um pré-romantismo

inglês, ora de um persistente barroco nacional, sendo em qualquer caso incompreendida sob os rótulos do anacronismo (excepção histórica demasiado retrógrada ou demasiado vanguardista) ou da transição (ser pré-qualquer coisa é sempre uma forma de imperfeição). Unindo estas reflexões estilísticas, é notável o texto de **Ofélia Paiva Monteiro** (*Bocage e Filinto: confluências e dissonâncias*). Partindo da unidade entre dois poetas que mutuamente se admiravam, Bocage/Elmano e Francisco Manuel do Nascimento/Filinto, se reproduz um diálogo a duas vozes sobre a necessária valorização da “eloquência” e da consequente “expressividade” estilística. Os aspectos renovadores dessa atitude, que se fazem sentir, entre nós, a partir da segunda metade do século XVIII, nem sempre, porém, seriam compreendidos: “Elmanismo” e “Filintismo”, conceitos criados por discípulos, revelam-se conceitos redutores e opostos. Ambos os autores, ainda que de forma distinta, contribuiriam para a reflexão poética de Garrett. Entre afirmações e negações, sobre ambos se construiria o nosso Romantismo.

A este propósito, contém também este volume um conjunto de reflexões alargadas sobre vários aspectos da recepção literária, especificamente analisando as fontes que usamos para conhecer a obra de Bocage: as edições em antologia ou de dispersos, as edições da obra completa, as selecções dos manuais escolares ou das monografias de história literária. **Daniel Pires** (*Inocência Francisco da Silva, editor de Bocage*), responsável por uma nova e actualizada edição das obras do Poeta, não deixará de evocar um dos mais cuidadosos editores de Bocage: Inocência Francisco da Silva, figura actualmente subavaliada, a quem a cultura portuguesa muito deve, também como editor de José Anastácio da Cunha, Francisco Manuel de Melo e António Lobo de Carvalho, insigne jornalista e autor do *Dicionário Bibliográfico Português*. É aqui enfatizada e analisada a sua edição da obra completa de Bocage, designadamente das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. **Elias Torres Feijó** (*‘Já Camões não sou!’ A impossibilidade de centralidade para Bocage no campo literário no século XIX*) não deixa de realçar alguns paradoxos da recepção de Bocage: se é evidente a popularidade do seu nome, a sua obra não ocupa um lugar central na construção canónica da literatura portuguesa. Na lógica do campo cultural português do século XIX, as mesmas razões da popularidade bocageana constituem o alicerce da sua negação, por confronto com Camões ou Garrett. A obra crítica de Teófilo Braga, artífice da memória literária portuguesa, parece ter sido o fundamental agente da sua preterição. Assim se compreende também que **Cândido Martins** (*Ler e Ensinar Bocage Hoje. Para o Estudo da Recepção de Bocage*), ao detectar, na recepção literária de Bocage, três grandes fases (a primeira, uma algo polémica popularidade ainda em vida do autor; depois, a idealização romântica ao longo do século XIX; e por fim, a reinterpretção estética e ideológica dos nossos dias), conclua o quanto devemos estar atentos. Nos dias de hoje, o leitor de Bocage, esse herdeiro de muitas ideias feitas, não pode, não deve, ignorar a complexidade da recepção da sua obra, não só ao nível da crítica, como também ao nível da própria criação literária.

Bocage só confiava na Posteridade e no que ela tem sempre de inacabado:

*Eis surge imparcial Posteridade
Na dextra sopesando etéreo facto,
Tu, cândido, gentil Desinteresse,
Tu lbe espertas a flama.
O Critério saaz, à frente de ambos,
Aparências descrê, razões combina,
Esmiúça, deslinda, observa, apura.*

(Bocage, 2005: II, 265)

Assim o cremos e queremos.

Porto, 24 de Novembro de 2006

Maria Luísa Malato Borrvalho.